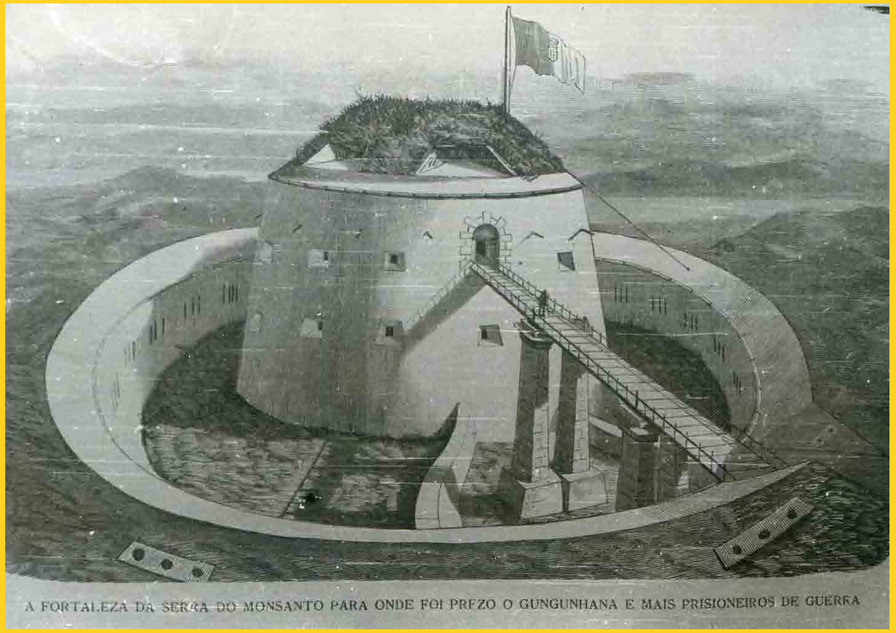
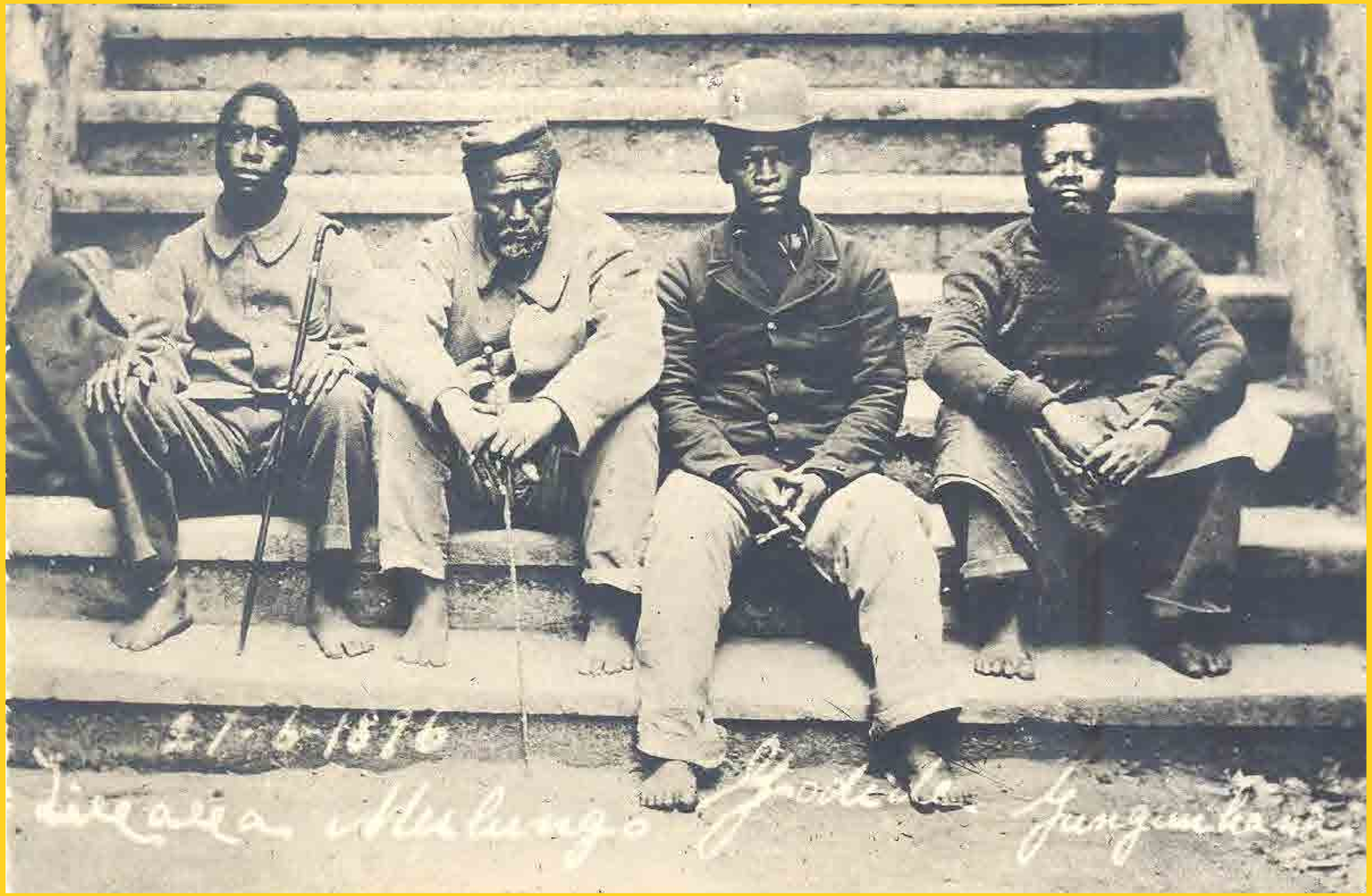
Gungunhana no seu reino, em Manjacaze, no ano de 1895, pouco tempo antes de ser feito prisioneiro, por se opor à expansão dos portugueses em territórios moçambicanos. Alguns parentes e amigos foram fuzilados e outros acompanharam-no para o exílio, tendo chegado à Terceira apenas quatro deles: o filho Godide, o tio Molungo, o régulo Zixaxa e o próprio Gungunhana.

O governo português mandou construir um baixo-relevo em Lourenço Marques (Maputo) para perpetuar esse ato considerado heróico, levado a cabo por Mouzinho de Albuquerque, em dezembro de 1895. Esta prisão serviu para mostrar ao mundo que os portugueses dominavam e pacificavam os territórios ultramarinos afastando assim as pretensões de outros países.

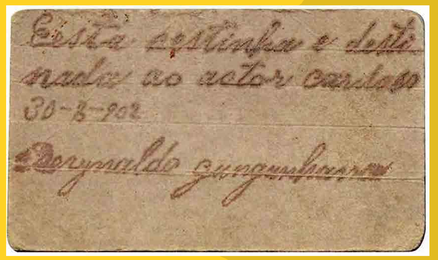
Da comitiva que o acompanhou até Lisboa destaque-se as sete mulheres de Gungunhana e o cozinheiro Gó, além de três mulheres de Zixaxa. Permaneceram algum tempo no Forte de Monsanto, em Lisboa, e na altura de seguirem para a Terceira, só lhe foi permitido ser acompanhado por uma única mulher. Tanto elas como ele recusaram, porque ou iam todas ou não ia nenhuma. Assim passou o resto da sua vida sozinho na sua prisão.



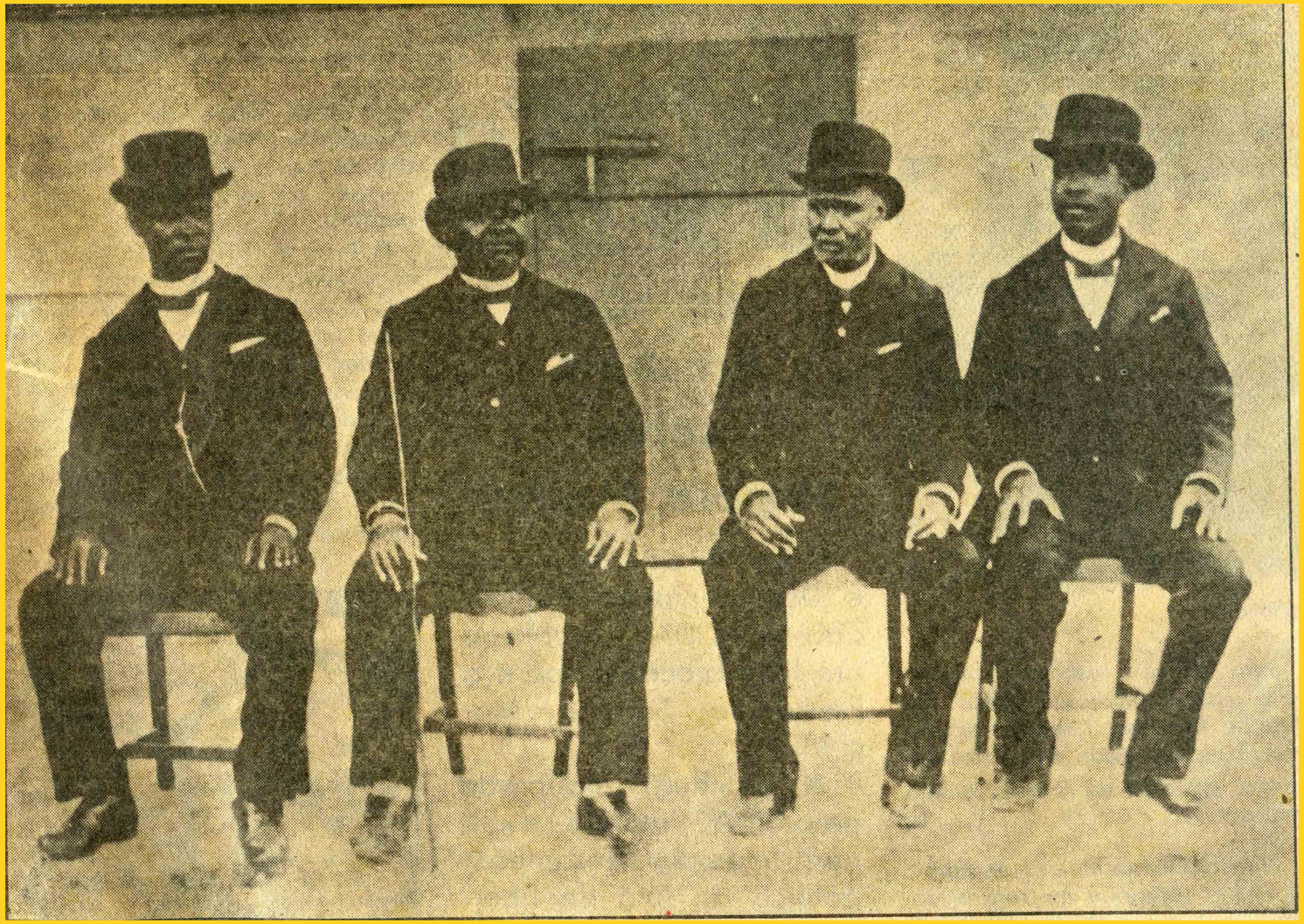
Fotografia tirada no cais, no dia em que chegaram à Terceira, 27 de junho de 1896. Com as suas trouxas de roupa e acompanhados por numerosa multidão, subiram a Rua Direita e a Rua da Sé em direção ao Castelo, onde ficaram instalados. Tratados com respeito, continuaram a despertar a curiosidade da população que se deslocava ao Monte Brasil para os ver. O jornal *A União* esmerava-se a relatar pormenores da sua vida quotidiana.



Para mostrar a sua completa integração na sociedade ocidental, as autoridades obrigaram-nos a aceitar a cerimónia religiosa do batismo. Em 1899, na igreja da Sé receberam não só o Santo Sacramento, apadrinhados pela elite angrense, como também nomes europeus: Reinaldo Frederico Gungunhana, António da Silva Prates Godide, Roberto Frederico Zixaxa e José Frederico Molungo. Depois do cerimonial, é evidente que continuaram ligados às suas crenças ancestrais.

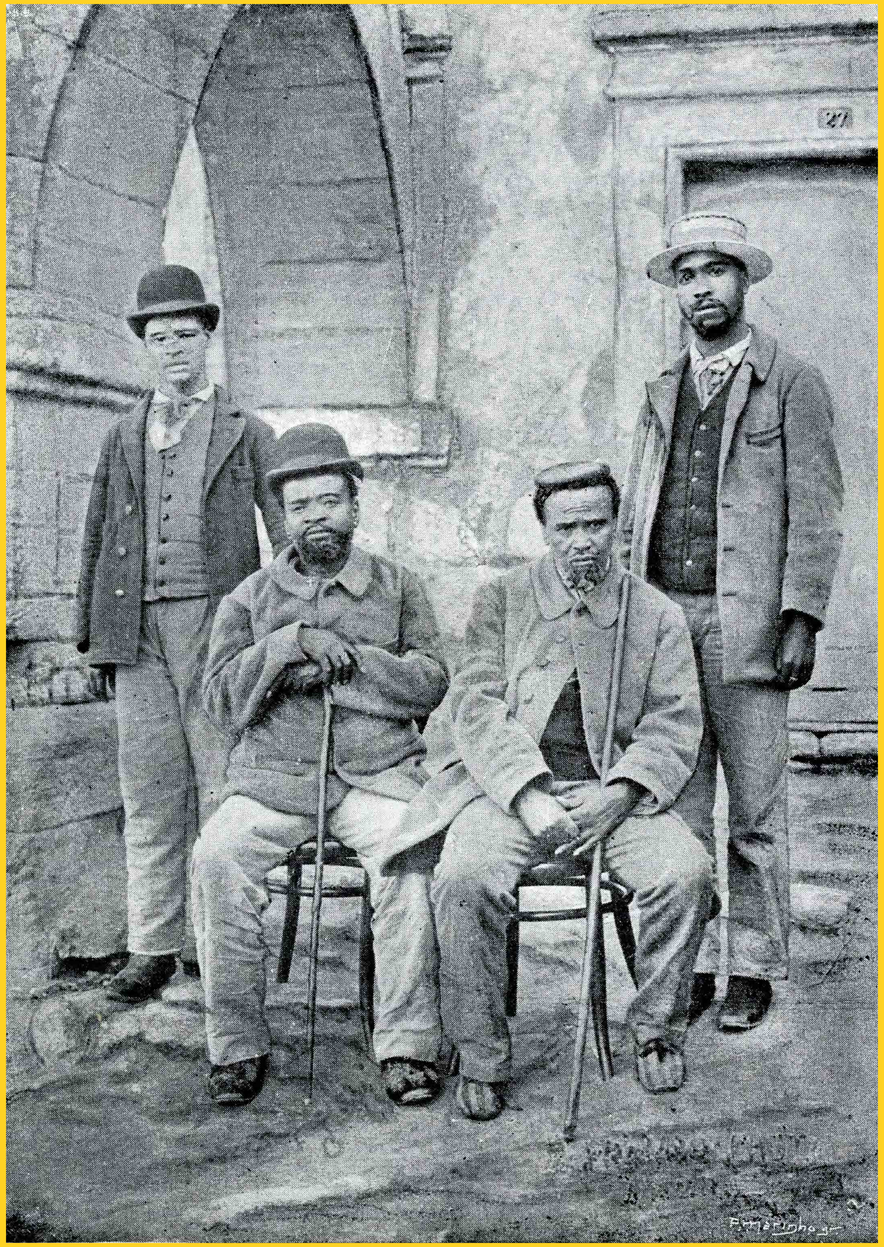


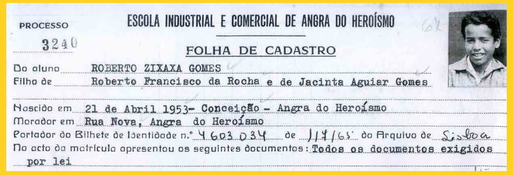
Outra iniciativa, muito publicitada, foi a alfabetização dos prisioneiros. Frequentavam a escola dos cabos e aos poucos conseguiram, pelo menos, assinar o seu nome.



Os quatro prisioneiros junto aos seus aposentos, no Castelo, em 1904. Pouco tempo depois (1906), Gungunhana faleceu com hemorragia cerebral. Em 1911, o filho Godide foi vítima de tuberculose do pulmão. No ano seguinte, o velho Molungo sucumbiu com gastrite aguda. Zixaxa ficou sozinho, exercendo as funções de guarda do Monte Brasil, morrendo em 1927, com lesão cardíaca.

O Gungunhana como estava actualmente e como era ao chegar a Lisboa





PROCESSO 3240

ESCOLA INDUSTRIAL E COMERCIAL DE ANGRA DO HEROÍSMO

FOLHA DE CADASTRO

Do aluno ROBERTO ZIXAXA GOMES
Filho de Roberto Francisco da Rocha e de Jacinta Aguier Gomes

Nascido em 21 de Abril 1953- Conceição - Angra do Heroísmo
Morador em Rua Nova, Angra do Heroísmo
Portador do Bilhete de Identidade n.º 4 603 034 de 1/4/65 do Arquivo de Lisboa
No acto da matrícula apresentou os seguintes documentos: Todos os documentos exigidos por lei

SPORT CLUBE LUSITANIA

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE FUTEBOL

JOGADOR

Nº 140.424

NOME: ROBERTO ZIXAXA GOMES- - -

Zixaxa (I), da sua relação com uma mulher de Angra, teve dois filhos. O primeiro morreu com dez meses de idade, no ano de 1910, mas no ano seguinte, nasceu Roberto, da mesma mulher, cujo marido havia passado a residir nas Flores.
Zixaxa (II) na companhia do Ten Cel José Agostinho, do historiador americano Douglas Wheler e de Pedro de Merelim, que publicou um trabalho sobre os Vátuas na Terceira.
Zixaxa (III) integrado na equipa de futebol do Lusitânia, início dos anos 70, seguindo as pisadas do pai que também havia jogado no mesmo clube.

RELEMBRANDO GUNGUNHANA E OS SEUS COMPANHEIROS DE EXÍLIO

CARLOS ENES
EXPOSIÇÃO

27 E 28 JULHO 2019
ANGRA DO HEROÍSMO

Angra do Heroísmo
CÂMARA MUNICIPAL